

**RECORDAR
REPETIR
ELABORAR**

AS COMPENSAÇÕES PSICOLÓGICAS DO ANALISTA¹

Barbara Low

Bárbara Low (1877-1955), britânica, descendente de judeus austro-húngaros, era dona de cultura e interesses amplos, a julgar pela sua trajetória.

Após freqüentar uma pioneira escola de meninas em Londres, graduou-se na *University College* – primeira universidade inglesa a admitir mulheres e homens em igualdade de condições, e estudantes de qualquer raça, classe ou credo. Lecionou em escolas durante muitos anos; palestrou sobre educação, história e literatura no *Training College for Teachers* do *London County Council*. Além disso, coordenou o partido social-democrata *Labour Party* e foi ativa na *Fabian Society* – movimento intelectual e socialista britânico de vanguarda – ao lado de Herbert G. Wells, Bernard Shaw e D. H. Lawrence, com quem mantinha intensa correspondência.

Quando a psicanálise lhe é apresentada por seu cunhado, Dr. David Eder, decide abandonar a carreira de professora para dedicar-se à formação analítica. A fim de se analisar com Hans Sachs, muda-se para a Alemanha, onde fica muito impressionada com a Policlínica de Berlim, em cujo âmbito veio a se fundar o Instituto Psicanalítico de Berlim em 1920.

De volta a Londres, em 1919, participou da fundação do *British Psycho-Analytical Society*, cuja vida intelectual e científica ajudou a sustentar, além de se mostrar vigorosa debatedora nas reuniões internacionais. Na Sociedade, colaborou como

¹ Publicado no *The International Journal of Psycho-analysis*. Vol. 16, Parte 1, 1935, retirado do site: gymno.sites.uol.com.br, traduzido por Carlos Serafim Martinez, revisado por Daniel Ritzel.

bibliotecária e como membro do Comitê de Conferências Públicas. Foi diretora da *Imago Publishing Company*, quando de sua fundação. Nos controversos debates entre Anna Freud e Melanie Klein, ocorridos entre 1941 e 1945, Barbara nunca se furtou a tomar posição: mostrava-se uma leal defensora de Edward Glover e de Anna Freud nesses debates, apresentando propostas para discussão e acompanhando todas as reuniões até a saída de Glover da instituição, em 1944.

Ao redirecionar a vida para a psicanálise, Bárbara Low trouxe consigo sua mente vivaz, sua clareza de pensamento e sua didática. Em 1920, publicou *Psycho-analysis: a brief account of the freudian theory*, livro que teve várias edições. Também escreveu considerável número de artigos importantes, muitos deles sobre os fatores inconscientes na educação. Concebeu o Princípio de Nirvana, o qual Freud aprovou e incorporou em seus escritos (vide Freud. *Além do princípio do prazer*, 1920). Além disso, foi membro do *Institute for the Study and Treatment of Delinquency*, no qual atuava como conferencista e terapeuta.

Esse texto, que ora trazemos, ao leitor é mencionado por Lacan no Seminário *A angústia* ([1962-63] 2005) entre aqueles que se ocupavam da contratransferência. Embora tal concepção fosse duramente criticada por ele, por se prestar a muitos equívocos e desvios na direção da cura, Lacan não deixava de reconhecer o que de meritoso havia nesses trabalhos. No mínimo, serviam para demonstrar que a abordagem pela via da contratransferência esbarrava inevitavelmente no problema do desejo do analista.

Como, então situar o artigo de Barbara Low em meio a esse debate? Considerando que àquele que conduz a análise está interdito o gozo, a autora se pergunta acerca das recompensas que o analista encontraria na relação analítica. Não se deixa iludir pela idealização da análise do analista: a imunidade do analista contra a emoção no processo analítico é uma ficção. E surpreende ao concluir: o analista, a exemplo do artista, “em contato com o mundo (do paciente) obtém seu material, molda e ilumina-o pela fusão com seu próprio inconsciente, e o apresenta de novo, sob outra forma, numa forma aceitável para as exigências da realidade e para a inconsciência do mundo (o paciente). Com essa revelação consegue uma maneira de libertar tanto seu parceiro quanto a si mesmo”. Eis aí sua compensação.

Conselhos ao leitor lacaniano: não se deixe enganar pela clareza do texto e seu tom desprezioso; complicação não é sinônimo de rigor! E não desista da leitura ao se deparar com certo incômodo frente ao jargão do que se poderia chamar de freudismo ortodoxo; desconfie dos sentimentos xenófobos!

Muito se escreveu sobre os requisitos do analista em seu trabalho, sobre os problemas que o assediam ligados à transferência e à contra-transferência e sobre o especial perigo a que está sujeito, tal como um aumento de sentimentos de onipotência e à diminuição de padrões do superego, entre outros. Tanta atenção não tem sido dada ao problema da “compensação” psicológica às inevitáveis privações experimentadas pelo analista. É verdade que hoje se admite a necessidade de uma análise, tão completa quanto possível, para o vir a ser do analista, mas esse reconhecimento nos leva longe o suficiente? O analista deve supostamente ser capaz de reconhecer e de lidar satisfatoriamente com a influência de seu próprio inconsciente, e de manter o domínio de sua própria psique ao longo da análise. Na verdade, sabemos que isto é uma imagem bastante fantasiosa, salvo em caso de naturezas excepcionais. Sabemos que a situação analítica pode ser usada pelo analista, assim como faz o paciente, na satisfação de desejos inconscientes, especialmente aqueles pertencentes às fases pré-genital, e genital-infantil (já que freqüentemente os últimos se encontram apenas parcialmente trabalhados pelo analista em sua própria análise); ou, pode ser convertida no que o Dr. Edward Glover chama de um “processo de observação”, que satisfaz o desejo infantil de olhar objetos sexuais proibidos: ou o analista pode sucumbir à tentação de se tomar por aquele que consola e salva – isso para mencionar apenas alguns usos que podem ser dados ao processo. Contudo, todas essas satisfações devem ser negadas para que a análise não se destine à ruína, além disso, a situação é dificultada pelo forte contraste entre seus participantes.

Renunciar a satisfações da criança amada e onipotente, do pai reverenciado e onisciente, aos prazeres do exibicionismo, do sadismo, do masoquismo, não é uma realização fácil: nem é mais simples nos rendermos a uma incerteza intelectual, permanecer com o julgamento em suspenso e abandonar o desejo do conforto de soluções rápidas. Ainda mais difícil, talvez, é o abandono dos modelos do superego em favor de uma visão mais livre e de um desenvolvimento completo do ego, ao passo que o paciente pode por sua vez se dizer “brindado” (se é que podemos usar essa palavra) com todos estes privilégios.

Uma vez que nunca pode haver uma pessoa “totalmente analisada”, que o id e sua força poderosa nunca podem ser analisados à exaustão e que, como demonstrou Freud, o inconsciente não pode tolerar mais que um certo nível de privação sem compensação, parece que postulamos uma situação fictícia, a menos que haja alguma compensação.

Três privações, tão inevitáveis quanto custosas, podem ser tomadas como exemplo: a saber, a inibição do prazer narcisista, especialmente no nível pré-

genital (emoções de impaciência, ressentimento, vingança), a inibição da certeza dogmática na esfera intelectual, e a modificação do superego – este último implicando na maior privação de todas. Em resumo, o analista está submetido à necessidade de traduzir e interpretar o material do paciente sem reagir emocionalmente a isso. Mas aqui nos confrontamos com duas dificuldades: falhando em sua tarefa ele anularia a análise; por outro lado, somente através de sua própria atividade emocional pode chegar a uma interpretação e tradução correta daquele material. O trabalho, prático e teórico dos grandes expoentes da psicanálise serve para mostrar isso.

Permitir-se uma resposta emocional livre para com seu próprio material é coisa bem diversa de reagir a emoções do paciente. A primeira alternativa é bastante essencial ao trabalho analítico, a outra o destrói. Em *Paraíso Perdido*, como sabemos, Milton faz o espírito de Deus instilar três gotas de essência divina nos olhos do Adão banido, e nele... “to the centre and core of sight pierced with his eyes”², metáfora da emoção, em sua potência de dar o poder da visão interpretativa. Como chegar então a isso?

A cegueira da não-visão corresponde a material incorporado e “morto” até que a emoção insuffle vida no interior dos ossos dessecados, e então “vemos” como viu Adão. O processo essencial parece ser uma forma de introjeção e projeção, direcionada a partir do material apresentado pelo paciente, situação paralela ao relacionamento do artista com o mundo externo sobre o qual trabalha. Este intercâmbio é a via do artista (incluímos aí também o cientista genuíno) e sem isso a “compensação” parece inatingível. Em um texto chamado *A natureza da ação terapêutica da psicanálise* (Jornal internacional de psicanálise, Vol. XV p. 127), Mr. James Strachey trabalha a questão da interpretação, especialmente com o tipo nomeado por ele de “interpretação modificadora”, sobre o qual escreve: “A interpretação modificadora é o fator operacional definitivo na ação terapêutica da psicanálise”.

Acho que aqui Mr. Strachey lida com o problema já referido por mim. Concebo que “interpretação modificadora” é produto do insight do analista e nasce de um contato direto e livre com suas próprias emoções. Isto, como sugeri, dá a possibilidade de visão ao analista, e capacita o paciente, que está em contato com ele, a se tornar mais livre em sua própria vida emocional, e a partir disso mudar. Estamos todos conscientes de que a interpretação – quan-

² “Três gotas que da vida à fonte apra/ De Adão aplica aos olhos tal colírio/ Que da vida mental na sede lhe entra” (*Paraíso Perdido*, Canto XI).

do, como, e em que intensidade deve ser dada – é um dos problemas vitais para o analista bem como para o paciente, e põe à prova as relações do analista com seus próprios impulsos inconscientes. Uma coisa é certa, a interpretação do analista, no momento certo, e direcionada verdadeiramente ao seu objetivo, pode ser da mais alta e dinâmica influência sobre o inconsciente do paciente, causando de um lado um “fluxo” de energia dirigido a um novo funcionamento, e de outro, uma resistência agressiva autoprotetora.

Pelo simples fato de evocar a energia ativa e agressiva do id no paciente, a energia do id do analista pode ser igualmente evocada nesse momento e direcionada ao material (do paciente) que é agora uma parte dele mesmo, o que libera novas e ricas fantasias, acompanhadas de uma prazerosa sensação de dinamismo. Como resultado deve haver uma atitude mais favorável por parte do analista, com uma diminuição da hostilidade inconsciente.

O que pode então vir a prevenir a hostilidade inconsciente e a vingança pelas privações citadas? As privações podem se tornar ganhos positivos? Dr. Sachs se referiu a um aspecto do trabalho do analista que o coloca em uma posição de artista criativo, a saber, a participação em um grande número de outras vidas. Esta entrada para poucos de nós poderia ser de fato franqueada, fora do processo analítico, exceto na mesma medida em que podemos obtê-la através de formas de criação artística, arte, música, e assim por diante: é na direção dessa “participação na intimidade” que devemos procurar a compensação.

Mas precisamos nos certificar de que esta “participação” seja verdadeira e constitua um processo criador. Se nossa chamada participação for de espectadores passivos, em maior ou menor grau, e nosso prazer largamente baseado na gratificação da curiosidade infantil e em desejos de identificação, o prazer então obtido não necessariamente demonstrará uma verdadeira força dinâmica: mais ainda, a gratificação pode facilmente mascarar hostilidade, que poderá emergir mais facilmente neste ponto de observação do viver dos seres humanos. “Ah! coisa amarga que é olhar através da janela da satisfação de *outro* homem”, escreveu um dos nossos poetas.

Se “olhar para” puder ser mudado para “vivenciar” a experiência que nós compartilhamos, as inibições já mencionadas se transformariam em positivas: a gratificação narcisista renunciada é trocada pelo prazer em usufruir vida nova, os padrões modificados do superego substituídos por impulsos do ego mais fáceis de lidar; e a inibição da convicção dogmática por uma curiosidade legítima e mais arrojada. O resultado de tais mudanças habilita o analista a abrir duas frentes: pode usar bem mais (e mais livremente) seu pensamento consciente, e pode trazer à luz mais de seu inconsciente.

O que chamei de vivenciar ao invés de “olhar para” pode ser clareado se pensarmos na descrição do poeta Wordsworth sobre a essência do processo da criação poética. Ela deveria ser “emoção recordada (i.e. reexperimentadas) na tranqüilidade”. E novamente, penso no conselho de Hamlet para o grupo de atores: “Não sejam tão mansos... pois mesmo na torrente, tempestade, eu diria até nos torvelinhos da paixão, é preciso conceber e exprimir sobriedade”. Deste modo podemos realmente criar a situação desejada, ou seja, a habilidade na tradução do material do paciente, o ajuste às suas exigências inconscientes, sem submergir. Wordsworth e Hamlet demandam emoção e paixão, assim como o procedimento analítico, desde de que sejam sujeitas ao “manejo” analítico, que penso serem paralelas à “tranqüilidade” e à “sobriedade”. Exemplos ilustrando essa “emoção na tranqüilidade” nos são conhecidos, e eu selecionaria a própria técnica de Freud em primeiro lugar. Em sua exposição mesma, em seu estilo (ou seja, no veículo e na expressão de sua psique) encontramos uma profunda emoção e uma total liberdade em seu uso: sua atitude para com esse material, expresso em palavras e idéias, poderia quase ser chamada de jubilosa, e é impressionante na leitura desse trabalho a identidade com a atitude do artista, que, durante o processo de interpretação se enriquece a si mesmo, muda uma situação negativa (o resultado de um abismo entre o material incorporado e sua fluidez emocional) para uma positiva, e gratifica um sentimento de poder altamente sublimado. Com respeito ao estilo de Freud, gregos e troianos sentem do mesmo modo os efeitos libertários e iluminadores, certamente do mesmo quilate dos alcançados na obra de grandes artistas – um Michelangelo, um Shakespear ou um Göethe. Seu escrito parece estar em contato livre com sua própria fantasia, com a vibração da paixão que Hamlet pedia a seus atores, ainda que sob o controle da sobriedade e da tranqüilidade.

De outro modo e em grau diverso, encontramos a mesma condição na obra de outros analistas (Ferenczi e Dr James Glover, para mencionar dois que não se encontram mais entre nós). A liberdade para a fantasia, por pouco que concordemos com suas idéias básicas, certamente deram força e poder aos últimos escritos do Dr Groddeck, e devo dizer, eficiência ao seu manejo de seres humanos.

O prazer evidente (advindo da satisfação emocional) que tais pessoas referiram obter de sua liberdade repercute nos que a rodeiam, e é o que quero dizer quando falo acerca da reação do paciente à partilha real do analista nas experiências em que está presente. Devemos descobrir, portanto, o que está envolvido nessa partilha.

A capacidade, de um lado, em tomar material externo, moldá-lo e recriá-lo, e a partir daí criar novas combinações (qualidade essencial de qualquer artis-

ta, de qualquer esfera), e, por outro lado, o poder de tomar este material, que passou por nós, e devolver combinado por fusão com nossa própria experiência individual deve estar apoiado em pulsões de vida orais e anais, conforme mostrado em inúmeras pesquisas sobre a atividade criativa. A produção e a assimilação deste material é algo muito próximo do ato de tomar e recombinar alimentos comuns, e do prazer e da atividade que acompanham o processo.

Portanto, se o analista pode “comer sua própria comida” lado a lado com o paciente, ele tem acesso a um prazer livre (em sua forma sublimada), e isso é o que chamo de “reviver sua própria seqüência interior”. Do mesmo modo que uma refeição partilhada entre duas pessoas é um evento completamente diferente de duas refeições individuais, uma nova criação se desdobra fora dessa vivência fusionada e resulta em novos desenvolvimentos para o paciente. Recordo-me aqui de uma paciente minha, poetisa e escritora de certa excelência, que costumava dizer quando era capaz de liberar livremente suas fantasias: “é como se estivesse comendo a comida mais deliciosa, sinto-me rica e satisfeita por dentro”.

O aspecto sublimado desses processos é um tópico que nos interessa, e é em torno da questão da sublimação do analista que muita coisa gira. Este problema parece nos acompanhar. Até que ponto temos uma sublimação “verdadeira”, e se verdadeira, em que extensão pode ser levada? É por isso que trouxe a questão da “compensação”, pelo que pareceria estarmos muito freqüentemente estabelecendo um grau inatingível de sublimação, ou que demandamos uma “sublimação” apenas mascarada enquanto tal, na medida em que se presta a regular nosso contato livre com a fantasia.

No relato de seus casos, Freud com freqüência indica a própria “vivência” do material apresentado. Por exemplo, ao lidar numa fase do caso de “Miss Elisabeth” e sua cegueira com o sentido de certos sintomas, muito óbvios, relata o quanto se lembrava de sua própria e surpreendente cegueira em uma certa situação, revelando uma peculiar discrepância entre seu conhecimento inconsciente e a observação consciente, e vai adiante para explicar e fornecer mais interpretação à sua própria condição psíquica na ocasião.

É muito claro que a ampliação do contato de Freud com seu material inconsciente lhe trouxe maior liberdade: de fato, ele escreve que sentiu um sentimento de triunfo por agora possuir o conhecimento desejado para lidar com o inconsciente do paciente, e na sessão seguinte faz um grande progresso com o material. Isto, que é apenas uma das inúmeras que podem ser encontradas nos relatos de caso de Freud, me serve como exemplo do reviver do analista de sua própria seqüência interior, lado a lado com o reviver similar do paciente, processo auxiliado por efeitos dinâmicos sobre ambos, cuja importância foi

ênfatisada pelo próprio Freud e por muitos outros autores. Aqui nos encontramos com o que é, provavelmente, uma situação humana fundamental – a necessidade e o efeito dinâmico desse relacionamento primitivo – o que Edward Glover descreveu como o bebê do paciente fazendo rapport com o bebê do analista, com o resultado de que o bebê-paciente se sente livre de uma grande parcela de sua ansiedade, e uma vez que aquele que é superior (o analista) ficou em uma situação de perigo e dor, mas saiu dela, ele também pode fazê-lo. Tal rapport deve operar em toda análise, já que sem isso poderia faltar uma sensação de que a análise está em movimento, e a análise deixaria de ser um processo vivo para se tornar castradora para o paciente e para o analista.

Uma das vantagens da terapia ativa (na última interpretação de Ferenczi desta fase) pode estar na produção maior da percepção de dinamismo na análise, embora situações em que a energia dinâmica não opera sejam provavelmente uma questão de influência do inconsciente e não uma questão de técnica.

Todavia, a habilidade de “forçar” a fantasia no paciente e tolerar a grande “atividade” que se segue, pode dar livre expressão a impulsos instintivos, que torna possível uma síntese egóica positiva e maior, desde que não se trate de dar asas ao mais profundo sadismo do paciente ou à reação do próprio analista a isso.

Não é uma questão de reagir às fantasias do paciente, trata-se mais de um banquete de amor, e sabemos que os que se alimentam juntos, irmãos de sangue a partir de então, podem saciar demandas legítimas no nível oral inconsciente, e em um nível sexual consciente e sublimado. Tomar o material introjetado e colocá-lo sob a lei, a ordem e a unidade, é a forma pela qual o inconsciente urge ser satisfeito: a reprojeção em novas formas satisfaz desejos sublimados. Tal trabalho, do artista e do cientista, deve também estar no trabalho do analista. Não podemos, conforme disse Freud, tomar o papel de profeta, salvador, ou consolador diante do paciente, mas será que não podemos, ou não devemos nos tornar amantes do material projetado pelo paciente e fazer disso nosso “objeto bom” introjetado? Esse amor é o que viabiliza o que chamei de “partilhar”, se for forte o suficiente para liberar as fantasias de prazer do analista. Aqui podemos nos auxiliar pela análise de crianças. O analista de crianças pode nos mostrar o caminho pelo qual o analista pode mais e mais liberar seu mundo de fantasia, até o ponto em que pode haver um fluxo mais livre entre ele e o paciente. O analista de crianças deve forçosamente estar profunda e instintivamente em contato com o mundo da fantasia da criança para ser bem sucedido: não pode esconjurar a fantasia para o quadro das palavras do mesmo modo que um analista de adultos pode fazê-lo.

Não tenho mais tempo para avançar nessas ligeiras indicações que dei. Talvez o melhor resumo do perigo que cerca o analista que tenta manter a ficção de imunidade contra a emoção no processo analítico esteja dado nas palavras de Freud com referência à tragédia de Leonardo: “O *artista* em certa ocasião tomou para assisti-lo em seu serviço o *investigador*. Aquele que antes servia agora cresceu e derrubou o seu senhor... ele nem amava, nem odiava... investigava ao invés de amar”. É contra essa situação que a antecipação de Freud pela boca de Hamlet proclama: “em mim você quer tocar; pretende conhecer demais meus registros; pensa poder dedilhar o coração do meu mistério. Acha-se capaz de me fazer, da nota mais baixa ao topo da escala. Há muita música, uma voz excelente, neste pequeno instrumento, e você é incapaz de fazê-lo tocar”.

O sucesso do analista, para si e para o paciente, pode ser mais bem descrito se nos voltamos novamente a Freud e seu retrato do artista. O artista, nos diz, (podemos substituir aqui artista por analista) em contato com o mundo externo (aqui substituímos por “paciente”) obtém seu material, molda e ilumina-o pela fusão com seu próprio inconsciente, e o apresenta de novo, sob outra forma, numa forma aceitável para as exigências da realidade e para a inconsciência do mundo (o paciente). Com essa revelação consegue uma maneira de libertar tanto seu parceiro quanto a si mesmo.

ENTREVISTA

**CRIANÇAS OCUPADÍSSIMAS,
PAIS ANGUSTIADÍSSIMOS?**

Alfredo Jerusalinsky¹

Nestes tempos em que as ciências, em seu mais amplo espectro, são chamadas a responder às inúmeras questões que não cansam de se apresentar à humanidade, logicamente, a psicanálise não poderia ficar de fora. Podemos até interrogar o efeito da participação da psicanálise nas diferentes mídias, ou até mesmo sua validade; mas não é ficando do lado de fora que conseguiremos garantir alguma isenção. Pelo contrário. A psicanálise sempre precisou lutar para, justamente, ter reconhecido seu lugar. Então, nada mais justo do que nos ocuparmos dele da melhor forma possível; ou seja, respondendo a partir da escuta das produções discursivas.

O problema é que, no mais das vezes, a expectativa (ou seria a angústia?) contida nas perguntas é a exigência pelo imediatismo e pela certeza que as respostas devem conter. Ou seja, há a tentativa de circunscrever alguma determinada questão e encontrar a “boa” resposta para tal. Mera ilusão. Em que pese o efeito mágico das palavras *Abre-te sésamo!* por exemplo, não somos Ali Babá.

Nosso tesouro são as próprias palavras, essa é a riqueza da produção discursiva com seu efeito subjetivante. E, nesse aspecto, o entrevistado deste número da *Revista* tem contribuído, e muito, com a possibilidade de articulação entre os *mass media* – porta-voz do grande público – e as interrogações que os analistas se fazem

¹ Psicanalista; Membro da APPOA, do NESF e da ALI. Autor dos livros: *Psicanálise do autismo* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1984), *Psicanálise e desenvolvimento infantil* (2.ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999), *Seminários I, II, III, IV e V* (São Paulo: USP), *Saber falar: como se adquire a língua?* (Porto Alegre: Vozes, 2008). E-mail: jerusalf@uol.com.br

em seu exercício clínico, tornando sua experiência o grande filão a ser explorado. Não é a primeira vez que o leitor encontrará uma entrevista com Alfredo Jerusalinsky nesta seção da *Revista da APPOA*. E, muito provavelmente, não será a última. O diferencial é que, desta vez, a entrevista foi publicada, inicialmente, numa conhecida revista de circulação nacional: a *Vogue*². Revista voltada para um público bastante segmentado, que compartilha o chamado *savoir-vivre*, ou seja, aqueles que adicionam à vida certa dose de charme e estilo que não estão disponíveis a todos. Pois bem, parece que as incertezas a respeito da infância têm rompido muitas fronteiras, não deixando ninguém de fora...

Sabemos que o diálogo a que os analistas são levados a ter com a mídia e o grande público é terreno bastante movediço. De um lado, o apelo à banalização; do outro, o apelo ao hermetismo. O trânsito entre esses extremos é tão comum que se torna oneroso à própria difusão da psicanálise. Além, é claro, da já tradicional resistência à peste, aquela mesma que Freud antecipara. As dificuldades em transpor essas barreiras são muitas. Falar já não é tarefa das mais fáceis, o que dirá então para as diferentes mídias e para os diferentes públicos (entre eles, os próprios analistas). Ocorre que, independente de qualquer que seja a questão, uma resposta só será “boa”, na medida em que contiver a dimensão transferencial, que não podemos nunca dispensar. Está certo: o caldo entorna nessa hora, disso não temos dúvida alguma. No ano em que escreve *Saber falar – como se adquire a língua?* (Ed. Vozes, 2008, 204 p.), Jerusalinsky foi convidado a responder a perguntas que, independente do *savoir-vivre* mundano ou do *savoir-faire* psicanalítico, qualquer pessoa interessada na infância se faz em algum momento da vida. Mestre, ou melhor, o agora doutor, em se posicionar de maneira clara e direta no assunto de que tem larga experiência, Jerusalinsky articula o que da infância pode ser construído com muita propriedade, escapando das armadilhas fáceis que o aludido terreno movediço oferece.

O tema da angústia na infância, ainda que não tenha sido abordado com toda a atenção de que necessita em diferentes trabalhos, tem aqui bom começo. Trata-se de outro terreno, diferente do citado anteriormente, sem dúvida, agora, fértil. Ou seja, a “boa” resposta indica mais a aposta e a perspectiva da transmissão. Esse é por certo, o tesouro maior da palavra.

² A revista *Vogue Kids* publicou, em abril de 2007, uma versão parcial desta entrevista, aqui apresentada na íntegra.

REVISTA: Ouvimos com frequência pais dizendo que vivemos em um mundo globalizado e competitivo e que, para tal, seus filhos devem ser suficientemente preparados. Conseqüentemente, a agenda das crianças concorre fortemente com a dos pais. Frente a esse grande número de atividades, como fica o espaço para o brincar na contemporaneidade? Existiria uma rotina ideal para as crianças?

ALFREDO: É normal que cada grupo cultural oriente as suas crianças para elas adquirirem os conhecimentos, as habilidades e as condições morais que vão caracterizar a sua inserção social na vida adulta. Porém, também é necessário que as crianças disponham de tempo e espaço próprios. Uma brecha que elas costumam dedicar à elaboração do conflito que surge entre as exigências de seus pais e mestres, seus impulsos de satisfação e sua particular capacidade de compreensão. Como essas três instâncias realmente são divergentes entre si, a criança apela ao pensamento mágico para criar soluções que permitam sua convergência. Esse pensamento mágico é o que elas exercem durante o brincar. O problema é que, hoje em dia, o brincar é pouco valorizado. O surpreendente é que, numa época – a atual – em que se produzem brinquedos e objetos específicos para a infância, em quantidade e diversidade como nunca ocorreu na história da humanidade, as crianças quase não têm tempo para usá-los. Embora conceitualmente haja consenso social sobre a importância do brincar na infância, de fato o tempo disponível para isso tem encolhido de forma preocupante. É verdade que os modos de brincar vêm mudando significativamente nos últimos trinta anos. A eletrônica desenvolveu o controle remoto, substituindo elásticos e molas. A cibernética ampliou o mundo dos seres imaginários. A produção de artefatos interativos permite curiosas articulações da realidade com a fantasia. A comunicação pela internet tem jogado no porão as antigas latinhas unidas por um cordão. Até o nome da brincadeira “telefone-sem-fio” – que aludia ao mal-entendido que se produzia ao “faltar o fio” – atualmente carece de sentido: os telefones de hoje são sem fio, sem que isso em nada afete a fidelidade da comunicação.

REVISTA: Os modernos brinquedos eletrônicos provocam discussões acaloradas entre ferrenhos defensores e questionadores das influências que tais artefatos podem exercer na psique de nossas crianças. Qual a sua posição nesse debate?

ALFREDO: Nós, os adultos, resistimos a considerar essas novas formas lúdicas como brincadeiras, seja porque ficamos saudosos de nossas bolas feitas com meias velhas, de nossos soldadinhos de chumbo, de nossos barquinhos à vela, seja porque carecemos da habilidade e dos conhecimentos necessários para participar dos *games* que tanto entusiasma a nossos filhos ou

netos. Por isso, não costumamos incluir na conta do tempo dedicado ao brincar os momentos consumidos na frente do *video-game*, do computador ou da televisão. Porém, nossa resistência a essas novas formas lúdicas se apóia também numa espécie de sexto sentido: nosso inconsciente – que não é nada ingênuo – registra nelas o cultivo de uma solidão que pode ter efeitos patogênicos. Trata-se de jogos que, de modo geral, consistem em desafios do jogador contra si mesmo, nos quais o adversário ora é o artefato, ora é uma holografia do pensamento do próprio jogador. O único desejo em jogo é o do infantil operador já que, do outro lado, há somente uma criptografia. Quais, então, podem ser as consequências de aprender a desenhar nossas estratégias de vida num cenário que não leva em conta o desejo dos outros? O outro, desse modo, ficaria reduzido a um código lógico, sem outro corpo que o meu olhar e o meu pensamento lhe outorgam. Os filmes que ilustram as arbitrariedades que os computadores podem cometer conosco (*Odisséia 2001*, como exemplo paradigmático) não fazem mais do que encenar a emergência de nossas próprias arbitrariedades inconscientes, quando perdemos de vista o caráter humano de nossos interlocutores. Nossas reservas a respeito desses jogos, então, têm algum fundamento, embora o exercício da crueldade infantil – fato universal – seja, em certa medida, necessário para a elaboração simbólica da agressividade. A questão está na medida e nas formas de costurar a fantasia com a realidade. A respeito das ideologias que navegam nesses jogos, devemos sempre levar em conta que um conteúdo oferecido pelos adultos implica para as crianças que ele carrega a chancela de nossa aprovação moral ou, pelo menos, de nosso sentimento cúmplice.

REVISTA: Sempre pensando no futuro de seus filhos, os pais continuam questionando o tempo que estes “perdem” na frente da televisão. Essa lhe parece uma questão relevante?

ALFREDO: De qualquer forma é fato que o tempo das crianças – nas famílias que contam com recursos para isso – fica invadido por atividades preparatórias para o futuro, além da escolaridade. Atividades fortemente regradas visando à aquisição de conhecimentos complementares ou o cultivo corporal – seja para fins estéticos, artísticos ou compensatórios da vida sedentária – capturam a agenda de jovens e pequenos, transformando-os em soldados de um porvir concebido como cruenta batalha pela sobrevivência. Não há tempo para contos de fadas. O real do mundo, cada vez menor, para uma população cada vez maior, exige muita disciplina e poucos sonhos. Paradoxalmente, as crianças se refugiam, nos momentos livres, numa das poucas janelas abertas para a fantasia: a televisão. Quando esta funciona como substituto da literatura infantil

(na escassa medida em que os produtores têm consciência do papel que lhes cabe), embora as crianças fiquem quietinhas na frente da tela, podemos perceber que elas percorrem um vasto mundo de identificações diversas; porém, é necessário que alguma palavra dos pais comece ou termine os textos que ali se enunciam. O que a tevê não pode recobrir é a costura desse mundo de ficção com o real da vida; e, quando o faz, inevitavelmente o faz mal, simplesmente porque a tevê não tem modo de saber sobre as particularidades da vida de cada criança ou de cada jovem.

REVISTA: Qual a importância de as crianças conviverem entre crianças, sem o estímulo dos pais ou de outro adulto, como fazíamos quando pequenos? Hoje, ao que parece, sempre há um adulto “animando” a turma. As crianças devem experimentar momentos de solidão, horas em que elas tentam se entreter sozinhas?

ALFREDO: Os espaços urbanos, na medida em que têm se tornado cenários de violência, e pelo fato de cada vez mais serem reservados ao trânsito e à vida pública, já não são mais extensões naturais do lar. As crianças são recolhidas ao interior das moradias, com pouca chance de se encontrarem com outras crianças, a não ser em espaços controlados por adultos. Isso faz com que sua atividade fantasiosa freqüentemente venha a esbarrar com a presença de olhares “indiscretos” que provocam inibição e devolvem as crianças ao campo das regras e da lei adultas.

REVISTA: Quais as conseqüências que podemos observar no comportamento de nossas crianças e jovens em relação à posição de desamparo na qual se colocam os adultos quando se trata da violência no mundo?

ALFREDO: A angústia de sobrevivência, que tem tomado conta de nossas civilizações atuais – tanto as asiáticas, quanto as européias; e tanto as abastadas, quanto as depauperadas –, coloca as crianças não somente diante da difícil posição de um futuro incerto, com pouco espaço para a realização de seus desejos e pouca garantia para suas realizações pessoais, mas, sobretudo, como portadoras atuais – durante a sua infância – de uma obsessão pela sobrevivência. Os adultos, então, fazemos de uma angústia nossa, de um problema que cabe a nós resolver, um sintoma da infância.

Perguntamo-nos como é possível que crianças e adolescentes tão jovens se transformem – independentemente das classes sociais a que pertencem – em agentes de uma violência inusitada. Franco-atiradores sobre seus colegas de aula, queimadores de índios, assaltantes e criminosos de calças curtas, predadores circunstanciais. “Clubes da luta” não são produzidos pelas séries

televisivas, nem pelos *games* do faroeste; eles são o efeito da angústia de sobrevivência num mundo problemático que nós, os adultos, não temos a ousadia de resolver e que transferimos para nossas crianças, como a obsessão de saber se defender, cada um *per se*, num mundo incerto e hostil. Resulta, então, inevitável o sentimento de opressão contra o qual a criança, quando chega à adolescência, se rebela adotando práticas transgressivas e desafiantes.

REVISTA: As mudanças nas agendas infantis não são, como se vê, meras redistribuições de tempos e espaços, mas implicam mudanças radicais das relações entre o simbólico, o imaginário e o real da infância. Pode esclarecer em que consistem o simbólico, o imaginário e o real da infância?

ALFREDO: Parece complicado, mas é simples: o simbólico é o modo com que estão reguladas as relações entre os semelhantes. A criança precisa compreender que o mundo não está organizado de acordo com o que ela gosta ou não gosta. Há valores e limites que não são arbitrários, nem mera ocorrência de seus pais; eles representam o Outro. Se ela não respeita o outro, não pode exigir ser respeitada. O imaginário é o mundo da fantasia – habitualmente desdobrado durante o brincar, nas histórias infantis, nos sonhos e devaneios –, que permite que a criança crie cenas nas quais seus desejos e impulsos se conjugam imaginariamente com o mundo adulto, com o que seus pais esperam que ela chegue a ser. O real está configurado pelos limites físicos que seu corpo lhe impõe: toda criança é “insuficiente” para preencher o ideal de seus pais; ela se esforça, mas sabe que, no futuro, ela deverá ser muito mais do que é hoje. Precisamente, a dilatação do mundo de fantasia, que ela cria e cultiva com paixão, lhe serve para preencher a sideral distância entre o que se espera que ela venha a ser (que encarne os símbolos do ideal de sua cultura e de sua família) e sua pequenez atual, cingida a seu corpo infantil e seus escassos recursos. O que tem mudado nesses três registros é que há urgência de que ela demonstre sua capacidade simbólica: que aprenda a ler, nadar, se valer sozinha, se integrar a uma vida coletiva, ser poliglota, já desde bebê. No que se refere ao imaginário, ele já vem feito – nos vídeos, brinquedos eletrônicos ou padronizados, televisão, objetos infantis industrializados – oferecendo pouca chance para ela criar seu próprio mundo de fantasia, ainda mais num espaço e num tempo radicalmente encolhidos. O real de seu corpo continua o mesmo: todas as crianças, como sempre, primeiro são pequenas e depois crescem, mas, hoje elas são convocadas a acelerar sua entrada no mundo adulto (nas habilidades, nos conhecimentos, na sexualidade) e, nessa nuança, sua “insuficiência” natural as coloca num contraste mais difícil de suportar: comparado com o gigante que urge chegar a ser, seu pequeno corpo fica minúsculo.

REVISTA: Considerando o imaginário industrialmente produzido, haveria algum aspecto da criação e da fantasia infantil que escapasse à padronização? Como levar isso em consideração na educação e no processo subjetivante das crianças ?

ALFREDO: Com efeito, o modo com que cada um encara o mundo em que habita e os problemas que ele lhe suscita é totalmente pessoal. Porém, vale a pena ter presentes algumas questões que podem nos ajudar:

– quando uma criança contempla o percurso das formiguinhas, ela está aprendendo a partir do empenho, da colaboração recíproca, da teimosia (no bom sentido) e da coragem que esses pequenos bichinhos demonstram. E as formigas não falam inglês;

– quando uma criança “ressuscita” vinte vezes um personagem que “morreu”, durante suas brincadeiras, ela não está cometendo um erro, mas criando caminhos pelos quais escapar das tragédias da vida;

– quando uma criança fica abstraída, ciscando com um galho na areia, marcando traçados aleatórios, pode estar simplesmente pensando nos acasos da vida;

– quando uma criança ensaia vezes e mais vezes acertar uma bola, não está se preparando para ser Ronaldinho ou um craque de basquete, mas simplesmente medindo a distância entre sua modesta habilidade e o ideal social;

– além do inglês, há línguas interiores que precisam ser “faladas”, para uma criança chegar a compreender o mundo e a família que lhe são próprios;

– as crianças também têm objetos de estimação, e eles precisam estar em lugares “respeitáveis” da casa, tanto quanto os objetos de estimação de seus pais;

– os sobreviventes deste mundo somos os adultos; as crianças ainda não estão lá, e por isso não precisam desenhar sua agenda e cada um de seus minutos de acordo com um projeto de sobrevivência; ainda estão no tempo de descobrir quais são as boas razões para viver;

– um livro de literatura infantil lido quando ainda as crianças não sabem ler, embora não tenha a mágica fascinante dos vídeos, tem, sobre estes, uma vantagem fundamental: a voz do pai, da avó, do tio, que lê para elas; essa voz, que não oferece a ilusão de realidade própria da tela televisiva, sustenta o enlace entre a criança e os outros;

– toda criança vai espiar por trás do pano do proibido; porém, é fundamental que esse pano esteja ali: ele marca a diferença entre o ato e a imaginação; essa fronteira serve tanto para o sexo quanto para a violência.

VARIAÇÕES

**O QUE RESTA POSSÍVEL
ENTRE UM HOMEM
E UMA MULHER¹**

Antonio Pinto de Oliveira Neto ²

Filmes

O ano era 1972, Lacan em Lovain, mas para quem lhe assistia, era também Lacan em 2007. Lacan na televisão, Lacan no You Tube. Charuto torto, amassado. Gestos precisos, preciosos. Diz a voz, em Lacan:

O Real para o falante é o que se perde em alguma parte. Mas onde se perde? Aí está onde Freud situou essa perda, se perde na relação sexual. É impressionante que nada disso se colocou antes de Freud, e que se trata da vida mesmo dos seres falantes. Que nos perdemos na relação sexual, algo evidente, incontestável que é assim desde sempre. E assim segue sendo, até certo ponto. Se Freud centrou as coisas na sexualidade é porque na sexualidade o ser falante balbucia. Porque dá conta de que algo se repete em sua vida e sempre é o mesmo, e essa é sua verdadeira essência. Que é esta coisa que se repete? Uma certa maneira de gozar.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007. Optou-se, no presente texto pela colocação da numeração das páginas citadas no próprio corpo do texto. Todas elas referem-se ao seminário X, *Angústia* de Jacques Lacan.

² Psicanalista; Membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise – Sub-sede Varginha, instituição-membro de Convergência. E-mail: apon@netgva.com.br

Não deixa de colocar uma pulga atrás da orelha de quem ouve o fato de que Lacan diga que essa questão segue sendo assim até certo ponto. O que quererá dizer esse “até certo ponto”? Por mais que se repita que a relação sexual não há, haverá um tempo em que um sujeito de fato tome isso como questão?

Um outro filme, também desprezioso. Nem o título se sabe ao certo. O personagem chega a casa e encontra uma mulher que se mostra como o protótipo da sua (dele) completa satisfação. Ela é seu avesso, sua parte que falta. Se mulher ele fosse, assim seria: sua metade perdida. E a coisa toda até que ia indo muito bem... Subitamente, assustadoramente sua cara metade o mata. Foge o detalhe: se esfaqueado ou enforcado. Coisa de pesadelo. Atitude dela que não revela bom senso, nem bom tom.

Chegam os investigadores à cena do crime. Não são policiais, são técnicos de uma empresa de alta tecnologia, coisa de última geração. Ficam com a questão: “o chip havia dado problema ou compreendido bem demais?” A mulher que o satisfaria plenamente era uma replicante, um robô com *chip* programado para atender sua expectativa de completude. Ela fez o possível: matou o cara.

Das névoas surge outra cena desse filme sem nome, sem atores nomeáveis. Mas era um bar, sem dúvida quanto a isso. Muita gente, música, bebidas, discussões acaloradas. Foco em uma mesa onde um homem, uma mulher e um advogado tentam chegar ao consenso sobre um contrato escrito de união entre os dois. Debatem sobre a inclusão, no contrato nupcial, da permissão ou não do sexo anal e oral. Ela até que aceitaria, mas ao custo de muitas compensações. Havendo trocas, tudo se ajeita, mas há que haver regras escritas e assinadas.

Escapa do esquecido que havia também nessa história um homem e uma mulher e que estes estão meio de lado quanto a essas soluções para o problema. Arriscam-se um pouco além do que os demais personagens. Vão avançando pela fenda. Que não se caia aqui no golpe barato de produzir heróis. Por alguma razão desconhecida, não conseguiam se situar entre essas opções. Talvez, se pudessem, as aceitariam de bom grado.

Dois filmes estranhos. O de Lacan e o das brumas redundantemente enevoadas. Haverá entre eles alguma familiaridade?

Seminários

Jacques Lacan, o seminário *A angústia*, livro 10. Reproduzido assim, de um fôlego só, como está na capa. Há também as formiguinhas: dentro e fora, fora e dentro. Lá embaixo, sem jabá algum pela citação, Jorge Zahar Editor. Mas

isso foi só depois; no começo, o que se tinha, e não era pouco, se materializava em um xerox de uma das traduções existentes no Brasil sobre o referido seminário. Entretanto, muito antes disso, na primeira tentativa de trabalho com ele, foi preciso um recuo. Recuo, precisamente ao seminário 5, *As formações do inconsciente*. Não dava para pular etapas, fazer curto-circuito. Do sujeito em suas articulações com o significante para se chegar ao ponto anterior, no entanto, posterior cronologicamente: do sujeito e suas constituições pelo objeto *a*. Rigores da psicanálise. Pode-se começar de qualquer ponto, mas há que desdobrar o ponto. Posterioridade e anterioridade, dois tempos. Formiguinhas dentro e fora.

Um pouco da constituição subjetiva desses dois personagens vaza pelas fendas do recalçado. Emergiram em um mundo no qual se tem que respirar e experimentar sem subjetividade alguma a asfixia, o sufocamento, o “trauma de nascimento, que não é a separação da mãe, mas a própria aspiração de um meio intrinsecamente Outro” (Lacan, [1962-63] 2005, p. 355). Experimentar a manifestação primeira da angústia com a própria emergência no mundo no qual virá a ser sujeito. Ali, nada se pode fazer a não ser ceder alguma coisa: o grito, que, uma vez cedido, nada mais liga a isso. Porém, este resto perdido, cedido, torna-se prioritário em relação a qualquer realização subjetiva, de modo que o sujeito como tal só se realiza em objetos que sejam da mesma série do *a*, do mesmo lugar nesta matriz. Serão todos objetos cedíveis (Lacan, [1962-63] 2005).

Já haveria, nesse momento original, no Outro aspirado, algo que marcas-se um destino, homem para um e mulher para outra?

A subjetivação posterior, a constituição do objeto simbólico e da experiência segunda de separação desse objeto, no caso o seio, pelo desmame realizado por cada um, abre o caminho para uma segunda intervenção do objeto que falta em todos os objetos, o objeto *a*. Nesse primeiro nível, ele ou ela não sabe, nem tem como saber, que ele próprio é esse ser chapado no peito da mãe sob a forma do mamilo, depois de ter sido o parasita que mergulhava suas vilosidades na mucosa uterina, sob a forma de placenta. Enfim, nesse nível nem ele nem ela se reconheciam em um objeto.

Concluída a constituição oral, o objeto *a*, em seu valor de destino, surge em um novo ponto do tabuleiro, bloqueando uma função até então orgânica. Para isso, alguma coisa gira na demanda da mãe: “Guarda-o. Dê para mim”. Instala-se o nível anal, em que ele ou ela, pela primeira vez tem a oportunidade de se reconhecer em um objeto. A articulação da função do objeto *a*, que o objeto anal permite fazer, revela o primeiro suporte da subjetivação na relação com o Outro, ou seja, aquilo em que ou através de que o sujeito é inicialmente solicitado pelo Outro a se manifestar como sujeito, sujeito de pleno direito. Nesse nível, o que o sujeito já tem para dar é o que ele é – uma vez que o que ele

é só pode entrar no mundo como resto, como irreduzível em relação ao que lhe é imposto pela marca simbólica (p. 356).

No primeiro nível, algo foi cedido, sem escolha, seja a placenta, seja o grito, e constitui a primeira forma de desejo, isto é, desejo de separação. No segundo nível, o objeto primitivamente produzido é colocado à disposição da função determinada pela introdução da demanda. O sujeito vai dar o que ele é, um resto? Lacan situa aí o desejo como pela primeira vez formado, assim como nesse tempo havia situado também o sujeito de pleno direito. Desejo que se opõe ao da etapa precedente. A primeira forma evolutiva do desejo, portanto, se apresentará como desejo de reter.

No entanto, o sujeito nem consegue impedir-se de reter nem consegue impedir que algo vaze, escape... Seu bem, seu resto: não ceder jamais. Mas ele escapa... Quem sabe trocar? Eu me dou, tu te dás, nós nos damos, recita ironicamente Lacan.

Muitas coisas já foram alinhavadas ao se chegar a esse ponto, mas a agulha avança. A constituição de um sujeito em suas articulações com o grande Outro, causadas pelos giros do objeto *a*, isto é, de um resto inassimilável, já deixaram atrás de si um sujeito que fala de si, que fala do Outro e, além disso, que se conta como um dos objetos parciais substitutos daquele que falta.

Mas, como escrito há pouco, a agulha avança e perfura aquilo que se estabelece como uma nova etapa. De súbito, no horizonte reabre-se uma estranheza. O objeto que se permitira passível de se tornar visível em substitutos parciais, seio, cocô, surge agora como $-\phi$, isto é, como falta, falta de um objeto. Essa falta manifesta-se aqui como tal, é central nessa relação, e é ela que justifica todo o centramento da análise no eixo da sexualidade. Vamos chamá-la aqui de gozo no Outro. A relação desse gozo no Outro, com a introdução do instrumento faltante designado pelo $(-\phi)$, é uma relação inversa, é essa a base, o eixo sólido de toda situação suficientemente eficaz do que chamamos angústia de castração ([1962-63] 2005, p. 318).

Um homem, uma mulher e (-j) entre eles. E agora?

Note-se que, $(-\phi)$ assim situado, lá onde dele se esperaria a solução para esse encontro, isto é, em seu lugar, é simplesmente um dos nomes da castração. Nessa lacuna que *a* estabelece entre um sexo e o Outro sexo, o que fazer ou o que não fazer? Qual seja, na relação do Sujeito com o Outro, é exatamente isso que falta: relação. A constituição do objeto *a*, nesse terceiro tempo, revela exatamente isso.

Tempo e lugar onde o filho chora e, é de se esperar: a mãe não escuta. Ou, como observa Freud, o menino torna-se irritado, inquieto, pelos cantos, segurando o peru. E as meninas? Aqui se autoriza uma provocação a elas... Que fazem elas diante dessa momentosa questão?

Antes de avançar, cabe uma questão, que, no fim das contas, por mais que pareça besta, não é tão besta assim. Porque deveria haver relação sexual? Porque, de uma forma ou de outra, todo mundo, em alguma reserva intocada, goza com essa esperança? Ou melhor: com a queixa emburrada diante dessa ausência?

Depois de Freud, Lacan enfia a mão no recalque aí estabelecido e retira de lá, de seus esconderijos, de suas máscaras, algo possível de ser dito sobre a verdade. Que o desejo masculino depara com sua própria queda antes da entrada da parceira feminina no gozo, e que ela fica sob quase condenação de só amar o Outro masculino, num ponto situado além daquele que a detém, também a ela, como desejo, e que é o falo. O que resulta em que o Outro masculino não é um Outro a quem trataria de estar unido. O gozo da mulher está nela mesma. Não se conjuga com o Outro. Estabelece-se aí uma lacuna central, uma carência imposta ao gozo situado no nível do Outro, que separa, no nível sexual, o desejo do lugar do gozo.

Pode-se perguntar: e daí? Não é para driblar isso que há a fantasia, o recalque, o sintoma? Para que mexer com estas coisas? Melhor não ver, desconhecer, idealizar. A impotência é meio mal, não? Mas porque não a onipotência, ou quem sabe o luto? Cuidado com o suicídio. O melhor sobre a angústia é ficar no seu conceito.

Todas essas questões, é claro, só podem surgir dessa forma, para aqueles que, na posição de analisantes, diante de seus apuros com o desejo do Outro, revisitam as imediações dessa lacuna. Lacuna aonde o inconsciente vai emagrecendo enquanto experimenta-se, como canta Chico Buarque, o amor perfeito traindo, a sempre-viva morrendo e a rosa cheirando mal. Furo no ideal. Enfim, por que se meter com isso?

Pode-se responder não apenas papagueando Lacan, mas em sua via.

A única via pela qual o desejo pode revelar-nos de que modo teremos que reconhecer em nós o objeto a, na medida em que, no fim, um fim sem dúvida nunca acabado, ele é nossa existência mais radical, só se abre quando se situa o a como tal no campo do Outro. Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado. Só existe amor por um nome, como todos sabem por experiência própria. No momento em que é pronunciado o nome daquele ou

O que resta possível... ■

daquela a quem se dirige nosso amor, sabemos muito bem que esse é um limiar da maior importância (Lacan, [1962-63] 2005, p. 366).

Sobre o que convém que seja o desejo do analista, a fim de que se torne possível o trabalho ali onde se tenta levar as coisas além do limite da angústia, Lacan aponta a trilha: “que o analista seja aquele, que minimamente não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente nessa a irreduzível para oferecer à questão do conceito da angústia uma garantia real” (Lacan, [1962-63] 2005, p. 366).

Quando a lembrança do filme surgiu pelos poros de nuvens carregadas, não se esperava que chovesse tanto.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 10: a angústia [1962-63]. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

Recebido em 25/04/2008.

Aceito em 10/06/2008.

Revisado por Maria Ângela Bulhões

VARIAÇÕES

**QUEM AMA O FEIO,
BONITO LHE PARECE¹**

Maria Elisabeth da Silva Tubino²

O estranho na literatura

Freud ([1919]1976), em seu texto *O estranho*, faz a análise das ficções na literatura, chamando a atenção para a distinção entre “o estranho” que realmente experimentamos e o que simplesmente visualizamos ou sobre o qual lemos. Utiliza-se de uma citação de Jentsch para esclarecer o que diz:

Ao contar uma história, um dos recursos mais bem-sucedidos para criar facilmente efeitos de estranheza é deixar o leitor na incerteza de que uma determinada figura na história é um ser humano ou um autômato, e fazê-lo de tal modo que a sua atenção não se concentre diretamente nessa incerteza, de maneira que não possa ser levado a penetrar no assunto e esclarecê-lo imediatamente. Isto, como afirmamos, dissiparia rapidamente o peculiar efeito emocional da coisa (apud Freud [1919], 1976, p. 284).

Destaca, ainda, que o ramo da literatura é muito mais fértil do que o estranho na vida real. Em sua visão, o escritor usa a imaginação para escolher

¹ Trabalho apresentado no Relendo Freud – *O Estranho*, realizado em Canela, em Maio de 2007.

² Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). E-mail: elisabethtubino@terra.com.br.

“seu mundo de representação”; o cenário que vai utilizar pode coincidir com realidades que nos são familiares ou delas distanciar-se o quanto quiser.

Nos contos de fadas, a realidade é deixada de lado, e um mundo de fantasias é criado, no qual a realização de desejos, os poderes secretos, a onipotência de pensamentos, a animação de objetos inanimados – elementos tão comuns em histórias de fadas – não podem exercer uma influência estranha.

O escritor criativo monta seu cenário não tão fantástico quanto o conto de fadas, mas se diferencia da realidade porque admite “seres espirituais superiores, tais como espíritos demoníacos ou fantasmas dos mortos”. Enquanto permanecerem dentro do seu cenário de realidade poética, essas figuras perdem qualquer estranheza que possam possuir.

Já o ficcionista tem o poder de direcionar o leitor em seu estado de espírito, lidando com suas emoções e dando a direção desejada para que seja tomado pelo texto. O conteúdo do reino da fantasia, para se obter o efeito desejado, não é submetido ao teste da realidade.

Lacan ([1958/59]) utiliza-se do texto de Jacques Cazotte ([1772]1992), *O diabo enamorado*, para trabalhar a formulação do desejo no seminário *O desejo e sua interpretação*. Essa mesma obra foi por mim escolhida para ilustrar as proposições de Freud sobre o estranho na literatura, e as de Lacan sobre o desejo.

Freud utilizou-se da literatura para fundamentar e avançar em suas interrogações no seu texto *O estranho*. Ele não se limita a fazer a análise direta da literatura fantástica; vai além, se utiliza da literatura para ir avançando no seu trabalho de análise do estranhamento, do mal-estar produzido, aquilo que não encontra simbolização, uma revelação do inconsciente, situado em relação a um real.

O texto de Cazotte se presta para ilustrar a literatura fantástica, como se tornou conhecida. E, como Freud nos diz, enquanto leitores, nos posicionamos em relação à história, de acordo com a criação do escritor. No caso desse texto, o autor nos conduz de forma a ser possível acompanhar a narrativa do início ao fim, com grande interesse, deixando de lado todo o conhecimento que já temos desde o início, assim como Álvaro deixa-se envolver com as armações de Biondetta.

A obra foi publicada, pela primeira vez, na França, em 1772. Cazotte, era homem com um modo autêntico de ser, declarava-se monarquista, cristão e, depois, ocultista. *O diabo enamorado* surgiu em pleno iluminismo, às vésperas da Revolução Francesa, sofrendo influência dessa época. Vinte anos depois, em 1792, Cazotte morreu guilhotinado, fiel a essas convicções.

O nascer do desejo

Acreditando ser necessário apresentar a obra para os que não a conhecem, ou reavivar a memória dos que já a leram, abaixo será apresentado o relato de momentos considerados importantes, permeados por comentários desta autora.

Álvaro, que aos vinte e cinco anos, era capitão das guardas do rei de Nápoles, tinha um grande desejo de saber; queria conhecer as ciências ocultas e ter poder. Conheceu um homem, chamado Soberano, que se ofereceu para ser seu mestre e prometeu que ele teria acesso a tudo que desejasse.

Depois de algum tempo de preparação e de ter prometido puxar as orelhas do Diabo mais importante do inferno, Álvaro é levado por Soberano e dois acompanhantes às ruínas de Portici – um lugar cheio de escombros, escuro, no qual nenhuma luz penetrava.

O Soberano traça um círculo no chão, desenha alguns caracteres e manda que Álvaro entre nele e só saia após ter provas evidentes de ter dominado todas as coisas. Ordena-lhe que recite um exorcismo com firmeza e depois chame, três vezes, Belzebu.

Após alguma hesitação, Álvaro arma-se de coragem e, com voz clara e firme, pronuncia a evocação. E com voz mais forte ainda, por três vezes, invoca Belzebu.

Mal acabara de pronunciar as palavras, abre-se uma janela, no alto de uma abóboda, da qual sai uma luz deslumbrante – mais clara que a luz do dia – e se precipita por aquela abertura, uma cabeça de camelo – horrível, tanto pelo tamanho quanto pela forma. Suas orelhas eram desmedidas. O odioso fantasma abre a goela e, num tom em harmonia com o resto da aparição, pergunta-lhe: “Che vuoi?” Ao seu redor tudo retumba com a força do terrível “Che vuoi?”.

Álvaro procura recuperar suas forças e controlar-se. Fixa com ousadia o espectro e pergunta: — “O que estás querendo, audacioso, surgindo sob essa forma horrenda?” (Cazotte, 1992, p. 26). Depois de um momento, o fantasma responde: — “Tu me chamaste, diz ele num tom de voz mais surdo...” (idem).

Álvaro o interrompe dizendo: — “Por acaso o escravo tenta apavorar o seu dono? Se vens receber minhas ordens, assume forma adequada e tom submisso. — Senhor, retorna o fantasma, sob que forma devo apresentar-me para vos ser agradável?” (idem).

Como a primeira idéia que lhe surge à cabeça é a de um cachorro, Álvaro ordena: — “Vem com o aspecto de um cão Coker Spaniel” (idem).

Tão logo a ordem foi dada, o pavoroso camelo projeta seu pescoço, baixando a cabeça e, no meio do salão, vomitando “um cão branco de pêlo sedoso e brilhante, com orelhas caindo até o chão” (op. cit., p. 27).

A janela se fecha; tudo desaparece; só ficam Álvaro e o cão. O cachorro festeja seu dono, agitando a cauda e andando em círculos, mas reclama não poder lhe lambe os pés, pois o círculo onde Álvaro se encontra impede sua aproximação.

O rapaz, com grande confiança, sai do círculo e o cão lambe seus pés e deita-se com as patas para cima, e ele percebe que é uma fêmea.

Álvaro assume a postura de senhor da situação, ordena ao cão que prepare um lanche para seus amigos, altere a aparência do lugar e mude também a sua. O cão passa então a ser uma pajem, recebendo o nome de Biondetta³.

Depois do lanche, Álvaro pede que ela lhe traga uma artista para cantar algum número. Encanta-se com aquela bela mulher e reconhece nela sua pajem.

Seus amigos estão surpresos ao ver a facilidade da concessão de tantos favores.

Depois da saída da cantora, solicita à pajem condução para seus amigos e para ele próprio voltar para o quartel.

Chegando lá, tenta dispensar a pajem, mas ela insiste, chora, joga-se aos seus pés e promete-lhe fidelidade e obediência, pois só conta com sua proteção.

A partir desse primeiro relato da história, percebe-se que quando Álvaro tenta se recompor e sair da situação de surpresa, para dominá-la, repudia a aparência de camelo e sugere a de um cão – a aparência de um animal doméstico, familiar.

Freud aborda, em seu texto, a questão do “estranho familiar”, a relação entre aquilo que é estranho, angustiante e ao mesmo tempo familiar, íntimo. Trata-se de *heimlich* – para animais: *domesticado* (ao invés de selvagem), capaz de fazer companhia ao homem. Sendo assim, *heimlich* vai em direção a uma ambivalência, até coincidir com seu oposto, *unheimlich*. Esta palavra, *unheimlich*, é de origem alemã, definida por *estranho*, *alheio*, por vezes *assustador*, *sinistro*.

Essa transformação foi a solução para tornar aceitável aquilo que era estranho, angustiante, deixando-o recalcado. A partir daí, Álvaro passa a negar a existência daquela figura horrenda, que lhe causou tanta surpresa.

Sua invocação, orientada pelo Soberano, provoca uma resposta com uma pergunta: – “*Que queres?*”.

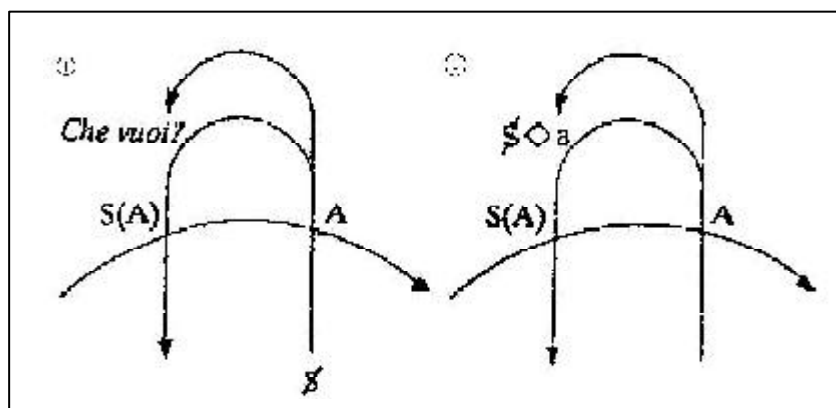
³ *Biondetta* – em italiano quer dizer *Loirinha*.

Nesse momento, o autor Leite vem nos auxiliar, esclarecendo que “Este foi o destino de Álvaro, ao demandar Belzebu, passou a ser o suporte do desejo de Biondetta. Ela, satisfazendo todos os desejos de Álvaro, o fez escravo do seu desejo, que era o dele” (Leite, 1991, p. 158).

Álvaro, ao encontrar Biondetta, pensou ter achado as respostas para as suas perguntas.

Quando ele invoca Belzebu, é surpreendido pelo “*Che vuoi?*” E, ao ouvir essa pergunta, sua resposta é a fantasia, que Lacan, no seu grafo, indica como $\$ \leftrightarrow a$.

O grafo em questão é o da subversão do sujeito em busca do seu desejo, que é o mesmo desejo do Outro. Essa fórmula simboliza um encontro faltoso entre o sujeito da linguagem e seu objeto de desejo. O encontro é faltoso porque, na verdade, o sujeito nunca vai conseguir abraçar o seu desejo. Se ele conseguisse, seria a angústia total...



Essa seria, segundo Lacan, a resposta que o sujeito dá ao ter contato com a falta do Outro. Pois a questão retorna a ele: o Outro responde também: – O que queres? Este “a” ilusoriamente completaria essa falta, pois o objeto que o completaria não se encontra na realidade, apenas pode ser encontrado na fantasia, isto é, na ilusão.

Nesse momento, Álvaro não aceita a figura de camelo, sob a qual Belzebu se apresenta; pede a sua transformação em cadela, em cantora, na pajem, e aceitará todas as benesses por ela ofertadas, para poder viver essa fantasia, na realidade criada por ele.

Escravo ou senhor?

Retomando a narrativa de *O diabo enamorado*:

Álvaro e Biondetta passam a noite no quartel.

Pela manhã, Álvaro observa Biondetta desembaraçando os cabelos, fica deslumbrado com aquela imagem, pede que vá embora novamente. Mas novamente é convencido por ela, que argumenta haver decidido tomar aquele corpo e que só seria feliz com aquele homem, tão corajoso, que desafiou o horrendo fantasma. Sendo amada por ele, ambos enfrentariam todos os perigos, que os derrotariam, e a natureza se tornaria submissa. Biondetta, novamente, jura-lhe fidelidade e proteção. Diz que, para mandá-la embora, basta que Álvaro ordene.

Biondetta envolve Álvaro, deixando-o entorpecido, e ambos seguem para Veneza. Quem cuida de tudo é Biondetta: viagem, hospedagem, roupas, criados e dinheiro para pagar algumas dívidas.

Álvaro recebe de um banqueiro, conhecido de sua mãe, cartas queixosas de notícias e dinheiro a mais em sua mesada. Paga o que deve a Biondetta e, à noite, sai para jogar e ganha, continua ganhando nos dez dias seguintes, até perder.

Biondetta diz-lhe que perde porque não sabe jogar e propõe ensinar-lhe as probabilidades e combinações, dessa forma não perderá mais – e foi o que aconteceu.

Sem problemas financeiros, mas entediado, Álvaro buscava a companhia das cortesãs. Uma delas interessa-se por ele, é Olympia, que insiste em ter sua companhia e reclama de seu distanciamento e da sua pajem, e pede para dispensá-la. Ele protesta e diz ser responsável por sua educação.

Biondetta recebe uma carta de Olympia, ameaçando-a, caso não vá embora. Ela mostra a carta a Álvaro, que fica perturbado. Resolve, então, fugir de Olympia, levando Biondetta em sua companhia.

À noite, quando vão viajar, já é tarde, seus empregados não aceitam fazer a viagem, Álvaro contrata outros.

Quando entram na embarcação, Biondetta sofre um atentado; é esfaqueada e cai agonizante. Durante vinte e um dias fica entre a vida e a morte.

Álvaro cuida dela, faz juramentos de vingança contra Olympia e afirma que morreria caso Biondetta morresse. Caso vivesse, iria ligar-se a ela para sempre e a faria feliz, sacrificando seus sentimentos e desejos. Quando ela se restabelece, repete as palavras que Álvaro havia dito junto ao seu leito.

Interrompo aqui a narrativa para destacar que, embora soubesse, o tempo todo, que Biondetta era criação sua, Álvaro preferiu enganar-se, iludir-se com

essa idéia de completude, pensando ter encontrado o que sempre quisera, pura ilusão ou alienação. Essa alienação quer dizer que o sujeito só existe como significante faltante, sempre dependente do Outro. O que demonstra que sempre haverá um nó entre o sujeito e o Outro, quando se fala. Então é possível compreender, neste momento, que Álvaro e Belzebu são a mesma personagem.

Seguindo a história:

Álvaro e Biondetta viajam para a nova casa. Ele declara seu amor e tem a certeza de ser correspondido por ela.

Biondetta narra a história fantástica de sua origem, sílfide, seu encantamento pelo amo e a escolha de amá-lo e servi-lo até a morte. Decide permanecer sob a forma de mulher. E para que isso se torne realidade, precisam unir-se em definitivo.

Ele concorda, mas quer casar-se com ela com o consentimento da própria mãe. Biondetta reluta em pedir o consentimento para essa união, porém, decide que vão viajar juntos.

Durante o trajeto dessa viagem, muitas coisas acontecem: tempestades, carruagem quebrada. Encontram uma conhecida de Álvaro, que diz que sua mãe e o irmão estão surpresos com a conduta dele, e que o irmão irá denunciá-lo.

Biondetta questiona se ainda assim quer seguir viagem e enfrentar a ira de sua mãe e do irmão.

Passam a noite em uma fazenda, onde está se realizando uma festa de casamento. Álvaro encontra duas ciganas às quais pede que falem sobre ele, mas Biondetta impede.

Ocupam o mesmo quarto, pois Biondetta declarou que eram casados. Ela se mostra zangada e diz que ficará muito ofendida se ele passar por desconforto, para não partilhar o mesmo leito. Diz estar muito cansada, deita com o rosto virado para a parede. Discutem por causa das ciganas, que Biondetta afirma serem seus inimigos disfarçados.

Álvaro, para agradá-la, retruca que as mulheres o convenceram a não ir ao castelo Maravilhas; que no dia seguinte partirão para o lugar que ela desejar; se quiser, ficará ao seu lado e lá esperarão o consentimento da mãe.

Biondetta diz desconfiar dessas pessoas que, como ele, concordam inteiramente com sua vontade. Depois, mostra-se disposta a concluir a viagem, enfrentar todas as dificuldades, pois sabe que sua mãe é justa e seu irmão tem alma nobre, eles a aceitarão. Não consegue mais falar, pois as lágrimas a impedem.

Álvaro se comove com a dor, esquece tudo e tenta consolá-la; aproxima-se, mas inicialmente ela resiste; depois aceita suas carícias.

Com voz doce, dirige-se a Álvaro, dizendo que ele não pode ser mais feliz que ela. Ela é a única mais feliz, mas que ele ainda vai ser. Vai acumulá-lo de saber, grandezas, e juntos vão submeter os fenômenos, os elementos e a natureza.

Álvaro responde que só ela já é o bastante.

Biondetta, porém, afirma que isso não lhe deve bastar, pois esse não é o seu verdadeiro nome, ele o havia criado. Ele a agradava e ela o usava com prazer, mas Álvaro precisava saber quem ela é, e diz: “Eu sou o diabo, meu querido Álvaro, eu sou o diabo...”. (p. 97)

Álvaro retruca que ela não deve repetir isso, que o faz lembrar do erro que cometera.

Biondetta afirma que não era um erro, que somente dessa forma, enganando os da sua espécie, cegando-os, poderia fazê-los felizes. Que vai lhe dar tudo o que desejar; que já pode concordar que não é tão nojento como dizem.

Álvaro continua confuso e pergunta-lhe o que quer que responda.

Ela argumenta que deve se deixar contagiar por aquilo que está sentindo e que diga a ela com ternura: — “Meu querido Belzebu, te adoro” (p. 98).

Álvaro, ao ouvir esse nome, é tomado de pavor; embora ouça a voz de Biondetta, sabe que está na frente de seu inimigo.

Ela prossegue falando, ainda, com aquela voz que se tornou tão agradável. Diz a Álvaro que foi ele quem o procurou e o acompanhou, serviu-lhe e favoreceu-lhe; que usou de alguns artifícios para que se entregasse livremente, mas que depois Álvaro já sabia de quem se tratava, e mesmo assim se entregou. Que agora já estão unidos, e era uma união indissolúvel, mas para firmar essa sociedade deveria conhecê-lo, já que ele o conhecia de cor.

Sem poder refletir, Álvaro ouve um apito estridente e vê as paredes se encherem de lesmas, suas antenas emitindo jatos de luz intensa. Olha para o lado e não vê mais Biondetta, e, sim, a pavorosa cabeça de camelo que, com sua voz de trovão, articula o tenebroso “Che vuoi?” Dá gargalhadas e põe para fora uma língua enorme.

Álvaro, aterrorizado, joga-se no chão, embaixo da cama. Com os olhos fechados, o rosto virado para baixo, sente-se sufocado.

Permanece por muito tempo desacordado.

Acorda, sendo chamado pelo dono da casa. Diz que sua esposa passara a noite com suas tias, para não o incomodar, pagara as despesas, deixara a carruagem pronta e iria esperá-lo no próximo vilarejo.

Álvaro sente-se perturbado, duvidando de que tudo aquilo tivesse acontecido.

No vilarejo, procura Biondetta, mas não a encontra.

Segue sua viagem. Chega à casa da mãe, que o recebe com alegria e conta que seu irmão ficará contente em vê-lo, pois mandou chamá-lo para dizer que foi nomeado coronel do regimento que comanda, e deverá se apresentar no vice-reinado das Índias.

Sua mãe desmente as notícias que recebeu sobre a família e diz que o lugar onde ele passou a noite não existe.

A mãe de Álvaro manda chamar Dom Quebracuernos, um doutor de Salamanca que vai decifrar o que Álvaro contou.

Depois de ouvir a história, o doutor diz que Álvaro escapou de um grande perigo, que nunca ouvira nem lera uma aventura igual à sua. Afirma que seu inimigo foi embora. Que ele o seduziu, mas não conseguiu corrompê-lo, graças a sua formação. O pretense triunfo dele e a derrota de Álvaro foram apenas uma ilusão, e que, para ficar livre, basta se arrepender.

Acrescentou, ainda, que, embora o inimigo tenha partido, deixou o espírito de Álvaro confuso e a cumplicidade em seu coração para poder renovar um possível ataque, caso tenha chance.

O doutor aconselha que Álvaro crie laços legítimos com alguém do outro sexo, que sua mãe aprove essa união e que, embora reconheça nessa pessoa graças e talentos celestes, não seja o diabo.

Afinal, o que quer um sujeito?

O conto mostra de uma forma poética “o problema fundamental que o sujeito encontra na realização do seu desejo. [...] Isso impõe ao sujeito uma solidão angustiante em relação ao desejo do Outro” (Leite, 1991, p. 157).

O momento da segunda aparição, quando a terrível figura articula o “*Che vuoi?*”, é o momento do estranho, em que Álvaro se experimenta em sua não-autonomia de sujeito, como puro objeto. Mas, por se apoiar nesse “*Che vuoi?*”, o processo da realização do desejo deixa o sujeito sem recurso, que resulta da presença primitiva do Outro.

Lacan ([1958-59]) utilizou-se das palavras “*Che vuoi?*” em seu grafo do desejo, destacando que é nessa experiência da linguagem que se dá o encontro do sujeito com o Outro, esse Outro que pode lhe dar a resposta ao seu apelo.

Esse é o primeiro encontro do sujeito com o desejo, que é o desejo do Outro.

Álvaro, para não sucumbir ao desejo engolfador do Outro, encontra uma saída, renunciar a Biondetta. Ao renunciar a ela, renuncia também à verdade do seu desejo...

O *diabo enamorado*, considerado uma história fantástica, mantém sua longa vida graças à misteriosa origem de Biondetta e suas ações. Criada à imagem do desejo de seu criador, a sedução exercida por esse ser perfeito, ou sem falta, capaz de realizar suas mínimas vontades, é irrecusável. Causa no leitor, também, efeito de fascínio, mantendo-o preso à trama e provocando simpatia pela personagem de Biondetta; colocando no esquecimento de quem verdadeiramente se trata. Presta-se bem para ilustrar o tema do *Heimlich-Unheimlich-Estranho-familiar* –, pelo que experimenta a personagem de Álvaro; o seu desamparo, enquanto objeto, diante do desejo do Outro, encontra-se em suas mãos, à mercê do seu desejo. Mas com a saída que encontrou, renunciando a Biondetta, abre mão da realização do desejo, porque o desejo é ilusório, se dirige sempre para o Outro.

REFERÊNCIAS

CAZOTTE, Jacques. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, Sigmund. O estranho. (1919). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, Jacques. *O desejo e sua interpretação* – seminário [1958-59]. Porto Alegre:

APPOA, s.d. (publicação não-comercial)

LEITE, Márcio Peter de Souza. O homem de desejo. Lacan e o Outro do desejo. In: _____. *O deus odioso*. São Paulo: Escuta, 1991.

Recebido em 20/04/2008

Aceito em 23/06/2008

Revisado por Sandra D. Torossian

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

I APRECIÇÃO PELO CONSELHO EDITORIAL

Os textos enviados para publicação serão apreciados pela comissão editorial da Revista e consultores *ad hoc*, quando se fizer necessário.

Os autores serão notificados da aceitação ou não dos textos. Caso sejam necessárias modificações, o autor será comunicado e encarregado de providenciá-las, devolvendo o texto no prazo estipulado na ocasião.

Aprovado o artigo, o mesmo deverá ser enviado para a APPOA, aos cuidados da Revista, por e-mail.

II DIREITOS AUTORAIS

A aprovação dos textos implica a permissão de publicação, sem ônus, nesta Revista. O autor continuará a deter os direitos autorais para futuras publicações.

III APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Os textos devem ser apresentados contendo:

– Folha de rosto: título, nome e créditos do autor (em nota de rodapé), contendo títulos acadêmicos, publicações de livros, formação profissional, inserção institucional, e-mail; resumo (com até 90 palavras); palavras-chaves (de 3 a 5 substantivos separados por vírgula); *abstract* (versão em inglês do resumo); *keywords* (versão em inglês das palavras-chaves).

– Corpo do texto: deverá conter título e ter no máximo 15 laudas (70 toques/ 25 linhas); usar itálico para as palavras e/ou expressões em destaque e para os títulos de obras referidas.

– Notas de rodapé: as notas, inclusive as referentes ao título e aos créditos do autor, serão indicadas por algarismos arábicos ao longo do texto.

IV REFERÊNCIAS E CITAÇÕES

No corpo do texto, a referência a autores deverá ser feita somente mencionando o sobrenome (em caixa baixa), acrescido do ano da obra. No caso de autores cujo ano do texto é relevante, colocá-lo antes do ano da edição utilizada.

Ex: Freud ([1914] 1981).

As citações textuais serão indicadas pelo uso de aspas duplas, acrescidas dos seguintes dados, entre parênteses: autor, ano da edição, página.

V REFERÊNCIAS

Lista das obras referidas ou citadas no texto. Deve vir no final, em ordem alfabética pelo último nome do autor, conforme os modelos abaixo:

OBRA NA TOTALIDADE

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo*; estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5* as formações do inconsciente [1957-1958]. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

PARTE DE OBRA

CALLIGARIS, Contardo. O grande casamenteiro. In: CALLIGARIS, C. et al. *O laço conjugal*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p. 11-24.

CHAUI, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (Org). *O desejo*. São Paulo: Comp. das Letras, 1993. p. 21-9.

FREUD, Sigmund. El "Moises" de Miguel Angel [1914]. In: _____. *Obras completas*. 4. ed. Madrid: Bibl. Nueva, 1981. v. 2.

ARTIGO DE PERIÓDICO

CHEMAMA, Roland. Onde se inventa o Brasil? *Cadernos da APPOA*, Porto Alegre, n. 71, p. 12-20, ago. 1999.

HASSOUN, J. Os três tempos da constituição do inconsciente. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 14, p. 43-53, mar. 1998.

ARTIGO DE JORNAL

CARLE, Ricardo. O homem inventou a identidade feminina. Entrevista com Maria Rita Kehl. *Zero Hora*, Porto Alegre, 5 dez. 1998. Caderno Cultura, p. 4-5.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

KARAM, Henriete. *Sensorialidade e liminaridade em "Ensaio sobre a cegueira", de J. Saramago*. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

TESE DE DOUTORADO

SETTINERI, Francisco Franke. *Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem nas intervenções do psicanalista*. 2001. 144 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

DOCUMENTO ELETRÔNICO

VALENTE, Rubens. *Governo reforça controle de psicocirurgias*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff01102003_23.htm>. Acesso em: 25 fev. 2003.

Revista da APPOA

e Correio da APPOA

conecte-se com os temas e eventos mais atuais em Psicanálise

Para receber a Revista e o Correio da APPOA, copie e preencha o cupom abaixo e remeta-o para*:

NOME: _____

ENDEREÇO _____

CEP: _____ CIDADE: _____ UF: _____

TEL.: _____ FAX: _____

E-MAIL: _____

Sim, quero receber as publicações da APPOA, nas condições abaixo:

() **Promoção Especial**

- | | |
|---|------------|
| Assinatura anual da Revista e do Correio da APPOA | R\$ 120,00 |
| () Assinatura anual da Revista da APPOA | R\$ 50,00 |
| () Assinatura anual do Correio da APPOA | R\$ 80,00 |

Data: ____/____/2008

* O pagamento pode ser feito via depósito bancário no Banco Itaú, Bco. 341, Ag. 0604, C/C 32910-2. O comprovante deve ser enviado por fax, juntamente com o cupom, ou via correio, com cheque nominal à APPOA.